



Eco do Sentido

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO,

SUBÁREA: MÚSICA E INTERFACES

Líliam Cristina Barros Cohen
liliambarroscohen@gmail.com

Marcos Jacob Cohen
marcosjacobcohen@yahoo.com.br

Milton José Athaide Monte
mjamonte@yahoo.com

Resumo: A obra *Eco do Sentido* envolve música, poesia e fotografia. Trata-se de um produto de diálogo entre estas linguagens, num processo de fruição artística por diferentes vias de expressão, inspirado neste compartilhamento interpretativo e na hibridação das artes. Não se trata de oportunizações descritivas da argumentação presente nas poesias e, sim, de expressões de sentidos em diferentes linguagens e em diálogo.

Palavras-chave: Poesia. Música. Fotografia.

Echo of Sense

Abstract: The work *Echo of Sense* involves music, poetry and photography. It is a dialogue between those languages in a process of experiencing art upon different ways of expression. It was inspired by interpretative sharing and art hybridization. It is not a description of the poetry argument, but the expression of senses in different languages.

Keywords: Poetry. Music. Photography.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar as questões que estiveram na base do processo criativo da obra *Eco do Sentido*, bem como suas motivações e discutir questões ligadas ao diálogo interartes e o conceito de hibridização nas artes. Este projeto foi antecedido pelo projeto de experimentação artística 21 – *Experimentação Poética* que justamente aglutinava este mesmo diálogo num produto artístico resultante de uma etnografia sobre a história de uma comunidade no KM 21 da Estrada Castanhal-Terra Alta (BARROS, 2015) e pelo projeto *Ouvir e Ver o Marco da Légua*, este último mais relacionado à etnografia e mapeamento cultural através do som e da imagem. Os referidos projetos vinculam-se à linha de pesquisa *Experimentação Poética*¹ do Grupo de Pesquisa *Música e Identidade na Amazônia*², do Laboratório de Etnomusicologia da UFPA³. A motivação para a produção desta obra está ligada à necessidade de expressão individual como complemento à trajetória

de pesquisa etnográfica da proponente do projeto e a junção de áreas de interesse dos envolvidos: música, poesia e fotografia. As poesias e fotografias da obra *Eco do Sentido* foram publicadas pela revista eletrônica *Raimundo*⁴. O trabalho será estreado no mês de setembro de 2016 pelo *Duo Quirirú*, formado por Líliam Barros e Milton Monte, em programação da Associação Fotoativa, em Belém do Pará.

Além do aspecto expressivo espera-se, com a produção desta obra artística, contribuir para o fomento da composição musical paraense em diálogo com outras artes e ampliar o repertório musical para a formação camerística piano e canto (barítono). Dado o caráter dialógico interlinguagens artísticas do projeto, a referida obra oportunizará, também, o fomento à poesia e à narrativa fotográfica. A performance da obra *Eco do Sentido* envolve a emissão sonora através do canto e piano e a projeção das fotografias, numa pretensão de potencializar os canais perceptivos e criativos através da imagem, da voz, da poesia e do som. Diversos artistas buscaram diálogo interartes e multimídia, a exemplo de Laurie Andersen (2015).

No Pará, Waldemar Henrique, Altino Pimenta, Wilson Fonseca, Luis Pardal compuseram canções em diálogo com poesia, com variadas temáticas. A obra *Batuque*, de Bruno de Menezes, também teve participações musicais com Gentil Puget, incluindo ilustrações. Para além da necessidade de demarcação das fronteiras entre as artes, está a possibilidade de expressão interartes.

A proposta desta experimentação poética é a abordagem das subjetividades em conexão entre os artistas membros da equipe. Assim, as poesias e as músicas foram escritas em épocas distintas das vidas dos autores, abordando os sentimentos e faces diversas das trajetórias dos artistas. Como temática que perpassa as poesias, está a urbe amazônica de Belém e suas diversas faces, da imigração judaico-marroquina em *Cheiros e cores* e *Ecos do Tanger*; da diversidade cultural e diferenças sociais em *Olhos Pequenos*; da vida e da morte em *O sopro*; do clima quente e úmido em *Chuva de chegada*. Ferreira aborda o processo literário criativo a partir do conceito de *poiesis*:

Ao desconstruir o ideal de domínio sobre si mesmo e sobre o mundo, o inesperado expõe o fracasso dos objetos últimos do conhecimento, da ciência, das verdades definitivamente estabelecidas, da própria configuração identitária, do tempo linear. E abre espaço para novos acontecimentos, para verdades transitórias de um tempo singular, para os “processos de subjetivação” - entendidos como processos de produção de sentido, de modos vivos de pensar, sentir, agir e significar (FERREIRA, 2014: 717).

A essa possibilidade de abertura do real, de sentir, falar, pensar, transmutar a realidade e reinterpretá-la, o autor utiliza o conceito de “trabalho vivo” (FERREIRA, 2014: 717). No presente projeto, a criação poética, musical e visual se institui numa releitura de fragmentos da trajetória individual dos autores e sublimação destas em linguagens artísticas. Para além de sermos poetas, músicos, fotógrafos ou artistas específicos de cada linguagem, somos pessoas que se expressam artisticamente. Através desta expressão se discute o vivido e o sentido. Sobre a sublimação do sujeito e do real, Ferreira fala:

O trabalho de produção de sentido está submetido à condição cronicamente deficitária das tentativas de significar o real. Ainda assim, a palavra, e também a criação artística e literária, fazem nascer sentidos que não existiam, são produtoras de sentidos em ato. Composição de sentidos nunca estabelecida em definitivo, que está sempre por se fazer (FERREIRA, 2014: 718).

Janaína Michalski fala sobre o hibridismo nas artes, pontuando este aspecto como uma das faces da contemporaneidade, bem como o entre lugar da literatura nas demais artes, especialmente na música, e o esgotamento dos gêneros em que pese a especialidade de cada artista (2014: 7). No caso do projeto *Eco do sentido*, o trânsito entre as artes é uma necessidade expressiva, bem como uma oportunidade de vivência coletiva de subjetividades criadas, caracterizando, inclusive, o caráter dual de criação poética. Muito utilizados nas artes visuais e na arte contemporânea, os conceitos de hibridização, hibridação, hibridismo podem estar vinculado a diversos processos criativos através de incorporação de materiais distintos, colagens, superposições, interligações com tecnologias diversas e outros procedimentos (PAVIN, 2010). Segundo Sandra Rey (2010) “É no sentido figurado que o termo melhor se adéqua à arte contemporânea, indicando as formas artísticas que misturam técnica, tradições...”. A autora também se refere ao hibridismo ressaltando a permeabilidade que atravessa as artes (REY, 2010).

O modo de pensar arte ocidental segmentou as diversas linguagens artísticas em gavetas, o que não ocorre em outras sociedades que, inclusive, não concebem o campo artístico separado de outras áreas dos saberes como as ciências da saúde, economia, cultivo, etc. Todavia, para o presente projeto, serão consideradas apenas as conexões entre as linguagens citadas, tendo em vista a possibilidade de diálogo entre as mesmas. Numa reflexão sobre esse processo de segmentação das artes, Afonso Medeiros discorre em seu livro “A arte em seu labirinto”:

Nos limites confortáveis do mundinho acadêmico, costumamos classificar as artes por “linguagens”, grosso modo em artes cênicas, artes visuais, literatura e música. A literatura e a música gozam, há muito, de um prestígio que as transformaram em artes quase “à parte” das outras artes – no Brasil, a área de artes faz parte da grande

área da “linguística, letras e artes” e, quando subdivididas, as artes já aparecem como “artes/música”, ficando a literatura no latifúndio dos linguistas e dos letrados. Esse prestígio da literatura e da música tem duas fontes: uma bimilenar, oriunda de categorizações (feitas, sobretudo, por filósofos), segundo as quais a poesia e a música – patrocinadas desde a antiguidade greco-romana por Apolo e, portanto, “apolíneas” – quase sempre ficaram na *pole position*; e outra quase milenar, desde o surgimento das universidades no Ocidente, quando literatura e música foram admitidas no âmbito das “artes liberais” (portanto, atividades do homem livre), enquanto as “outras” foram caracterizadas como “artes mecânicas” (do homem servil). Teatro e dança, depois disso, ainda amargaram alguns séculos de preconceito, por serem efetivamente “artes do corpo” (MEDEIROS, 2013: 75).

Eco do sentido é uma mostra poética cujo assunto se apresenta em múltiplas formas, em linguagens que emulam o real. O gesto criador transmuta, modifica para sempre.

A criação que encanta porque mundifica, faz mundo, modifica o real de modo que este jamais poderá voltar a ser que já foi o que faz do real devir, movimento. A essência da ação é transmutar. O poético não mente. É gesto. Não é alegre nem é triste; é tão somente poético e mais não necessita (CASTRO, 2011: 23).

Tendo em vista a fluidez da arte contemporânea e sua transversalidade diante das subjetividades múltiplas, a obra *Eco do Sentido* propõe que tais subjetividades abranjam um assunto e que o resultado poético se abra para interpretações múltiplas dos receptores. Concordamos com Afonso Medeiros no que tange à compreensão da arte:

Consequentemente, o significado de ‘arte’ e aquilo que ela designa tem que ser verificado caso a caso e na dependência de um contexto peculiar nas interfaces entre criação e fruição, impedindo qualquer definição generalista e universal a priori. A relação da obra com o contexto do criador, com o contexto expositivo e com o contexto do fruidor torna-se, portanto, fundamental para a apreensão de seu significado (MEDEIROS, 2013: 69).

O autor ressalta, ainda, o caráter híbrido que a arte se processa na contemporaneidade agregando elementos sensitivos distintos em múltiplos diálogos interartes, constituindo o que Medeiros chama de “arte sinestésica” ou “artes sinérgicas” (2013: 74).

2. Processos criativos: poesia, música e fotografia

As captações imagéticas foram tomadas por Líliam Barros nas localidades de Mosqueiro, distrito da cidade de Belém do Pará, por ocasião de pesquisa de campo orientada pelo fotógrafo Miguel Chikaoka durante o curso “De Olhos Vendados” ocorrido durante os meses de março a abril de 2015. As captações fotográficas foram tomadas quase paralelamente às criações poéticas e se desenharam ao longo do curso dentro de um projeto ainda sem nome, mas já delineado. As músicas foram compostas posteriormente. As

fotografias que fazem referência aos trânsitos judaico-marroquinos na Amazônia se referem à vastidão das águas das baías que contornam o estado do Pará que, temperadas pelas areias dos desertos marroquinos, trazem de volta a memória de famílias imigrantes desta região ao longo da segunda metade do século XIX para a região amazônica. Tais memórias fazem parte da trajetória de vida do compositor das canções atinentes à obra. Compõem esta temática as canções, fotografias e poesias denominadas *Ecos do Tanger* e *Os Cheiros e as Cores*. Na música *Ecos do Tanger*, a introdução já apresenta a textura ocorrente na parte A com amplitude do registro do piano e verticalidade do acompanhamento do piano em relação à melodia do canto. Logo após, no compasso 17, há um desenvolvimento desta amplitude do registro do piano com um conjunto de acordes descendentes ao longo de 12 compassos, até chegar numa zona de ruptura na qual ocorre uma mudança de compasso e desenrolar de uma tessitura rítmica em dinâmica forte, no piano, sem o canto (compassos 27 a 36), seguida de uma zona de escritura em fugato na qual o canto é envolvido como uma das vozes do conjunto (compassos 37 a 58). Um retorno ao caráter apresentado na primeira parte ocorre a partir do compasso 59, com mudança de andamento e escritura verticalizada entre o piano e canto que alterna-se com declamação e finaliza com uma *codetta* (compassos 65 a 70) que envolve os elementos rítmicos da zona de ruptura mencionada acima. A segunda música – *Cheiros e Cores* – possui forma binária e abre-se com uma introdução na qual já se apresenta o tema principal na mão esquerda contrapontado com a melodia do canto que, juntos, inauguram o caráter da parte A. Logo após breve declamação que paira sobre um ambiente pontilhado ao piano, a parte B apresenta característica vivaz com o motivo das quiálteras e notas repetidas no piano, sobre o qual ocorre a declamação da poesia. Ao cabo de uma zona transitória, tem o retorno da conjunção canto e piano ocorrida na primeira parte.

Olhos Pequenos se espalha na percepção da diversidade e diferenças sócio-culturais presentes na região amazônica, tanto no que se refere à crítica social quanto às trajetórias das populações marginalizadas. Piano e canto se alternam em cânone em duas páginas de composição.

A poesia e fotografia *O Sopro* se relacionam com o círculo da vida e da morte, a partir da perspectiva conceitual *Desana*⁵ do *sopro* e do *benzimento*, do malefício e da cura. A breve e intensa composição de 23 compassos caracteriza-se pela estrutura acórdica na parte do piano e melodia sinuosa para o canto, cujo movimento rítmico da construção frásica é construído a partir da alternância de compassos compostos, ao sabor da prosódia.

Chuva da chegada desponta no aguaceiro dos trópicos e a torrente de sentimentos que transitam essa experiência. A introdução da composição homônima já apresenta o motivo

principal diluído em mínimas numa linha ascendente que, pouco a pouco, vai aglutinando uma estrutura acórdica até decrescer e inaugurar a entrada da linha do canto, já no compasso 13, com mudança de andamento. Neste ponto, o canto soma-se à textura pianística, tomando uma dimensão sonora ampla e cheia que funde-se às oitavas em polirritmia no piano (compassos 24 a 28) e, logo após, o *ostinato* do motivo principal na mão esquerda permeado por uma ondulação em arpejos na mão direita, também em polirritmia. Na parte final da peça, em caráter contrastante, o piano mantém-se num registro agudo compondo um diálogo horizontalizado com a linha do canto, assim seguindo até a parte final, quando os acordes retomam o espaço numa breve *codetta*.

Tendo em vista o aspecto da fruição da obra de arte, pode-se ter em conta a vontade e potência comunicacional da mesma em relação a uma comunidade heterogênea:

As obras de arte geram consigo uma demanda de reconhecimento que se estende, em princípio, a uma ilimitada comunidade de receptores como o horizonte de sua validade estética – uma comunidade de comunicação de leitores, ouvintes e intérpretes. As obras de arte aspiram ao reconhecimento intersubjetivo na medida mesma em que se deixam ver por analogia ao modo pelo qual nos entendemos uns com os outros sobre algo no mundo, algo como, por exemplo, as próprias obras de arte: elas erguem consigo uma pretensão de validade estética sobre a qual certamente podemos conversar e mesmo discutir, mas que só se deixa resgatar no âmbito da própria experiência estética. É por analogia com a base da validade da fala – portanto, com os universais pragmáticos que inervam todo proferimento – que me refiro aqui à pretensão de validade estética das obras de arte (BARBOSA: 22).

A partir da perspectiva da criação musical da obra *Eco do Sentido*, a intenção de trânsito entre as artes, a partir de um assunto em comum que está no plano das subjetividades dos autores, se dá em termos de reflexão sobre os textos e fotografias, não como representação dos mesmos.

3. Considerações finais

A obra *Eco do Sentido* é fruto de um trabalho coletivo de dois autores que, inspirados em experiências vividas, oferecem uma reflexão sobre tais sentidos através do discurso imagético-sonoro e literário, num *eco* dos sentimentos vividos, na voz de cada um e a partir de suas particularidades. Deleuze considera “O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, ele mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas” (2015: 23). Nesta obra conjunta, o sentido se desfaz nas linguagens em diálogo, transformando-se ou oferecendo-se como outras coisas. Ainda sobre o sentido das coisas, Deleuze diz que “A lógica do sentido é toda inspirada de empirismo; mas, precisamente, não há senão o empirismo que saiba ultrapassar as dimensões experimentais do

visível, sem cair nas Ideias e encurralar, invocar, talvez produzir um fantasma no limite extremo de uma experiência alongada, desdobrada” (2015: 21). Este artigo buscou apresentar as principais ideias que estiveram na base do processo criativo e interpretativo desta obra, bem como suas motivações, além de problematizar o aspecto do diálogo interartes e o conceito de hibridização nas obras de arte na contemporaneidade.



Figura 1: *O Sopro*. Líliam Barros, 2015.

Referências:

- BARROS, Líliam. *21*. Belém/Pará: PAKA-TATU, 2015.
- BARBOSA, Ricardo. “Música, racionalidade e linguagem”. In *Ensaio sobre música e filosofia*. Rodrigo Duarte e Vladimir Saflate (Orgs). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.
- CASTRO, Antonio Jardim. “Poética: o modo essencial de pronúncia do real”. Conferência apresentada como requisito parcial para o concurso para professor titular da UFRJ. Manuscrito não publicado. Rio de Janeiro, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. 5ª Edição. Luiz Roberto Salinas Fortes (Tradução). São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERREIRA, João Batista de Oliveira. “Sobrevivências, clandestinidades, lampejos: trabalho vivo da criação literária”. In *Fractal: Revista de psicologia*, vol. 26, no. Espec.; pg. 715-728, 2014.
- MEDEIROS, Afonso. *A Arte em seu labirinto*. Belém/Pará: IAP, 2012.
- MICHALSKI, Janaína. “Vire o verso: Da integração da literatura com outras artes”. In *Palavra*. No. 4, 2014. Pg. 7 – 17.
- PAVIN, Fabiane Sartoretto. “Processos híbridos na arte contemporânea: uma abordagem a partir da poética de Sandra Rey”. In *Anais do 19º Encontro da ANPAP*. Cachoeira, Bahia, 2010. Disponível em: www.anpap.com.br. Acessado em: 10/03/2016.



REY, Sandra. “Cruzamentos impuros: processos híbridos na arte contemporânea”. Palestra. In Festival de Arte. Uberlândia, MG, 2005. Disponível em: <http://www.festivaldearte.fafcs.ufu.br/2005/palestra-04.htm>. Acessado em: 10/03/2016.

STOROLLI, Wania Mara Agostini. Poesia em movimento: entrelaçamento entre voz e tecnologia em *Delusion* de Laurie Anderson. In *XXV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Vitória – 2015*.

Notas

¹ Experimentacaopoetica.blogspot.com.br

² Musicaeidentidadenaamazonia.blogspot.com.br;

³ www.labetno.ufpa.br

⁴ www.revistaraimundo.com.br

⁵ Etnia indígena do Alto Rio Negro.